

QUESTÕES LINGUÍSTICAS E GRAMATICAIS

SÍMBOLOS LINGUÍSTICOS- VERBAIS E NÃO VERBAIS

Maria Lúcia Mexias-Simon
mmexiassimon@yahoo.com.br

Se, para se obter êxito profissional, não basta possuir amplo vocabulário, é inegável ser o bom uso de palavras, adequadas e suficientes, indispensável à clara expressão do pensamento (Garcia, 1976, p. 143).

Em sua obra fundamental, *Comunicação em Prosa Moderna*, dedica, Othon Garcia, importante capítulo a respeito do vocabulário, suas possibilidades, suas exatidões e inexatidões a serem evitadas. Mostra serem as palavras invólucro do pensamento; a relação entre vocabulário e nível mental; trata da polissemia e do contexto, com muitíssimos exemplos extraídos do nosso dia-a-dia. Recomenda fugir às generalizações, sobretudo em textos científicos; apresenta variados exercícios de enriquecimento de vocabulário e, sobretudo, de escolhas mais específicas, que possam traduzir melhor o pensamento do emissor. Apenas esse trecho de sua obra já lhe daria lugar entre os lexicólogos, em geral, e da nossa língua, com proveito aos seus estudiosos.

Mas foi Othon Garcia mais além, na mesma obra: preocupou-se com a apresentação dos trabalhos, com sua aparência final, visual, o que não é muito comum entre os dedicados aos estudos de linguagem. No seu último capítulo, Garcia cuida da boa “forma” gráfica, traçando mesmo um conjunto de regras práticas de revisão.

Dessa maneira, trata-se o signo linguístico também na sua realidade visual, o que nos leva ao terreno dos chamados signos óticos, que não seriam propriamente linguísticos, não pertencentes à linguagem articulada, porém signos, pois carregam um fundo significativo comum. Substituem e complementam aquilo que não se pode dizer apenas com palavras. Envolvem os gestos, a música, o desenho, as cores etc. Desse conjunto de signos, podemos nos deter em um dos mais antigos e produtivos: o chamado baralho de Tarô.

O Tarô é um baralho de cartas misterioso de origem desconhecida. Tendo, pelo menos seis séculos de existência, é o antepas-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

sado direto de nossas cartas de jogar. No correr das gerações, as figuras pintadas sofreram muitas modificações. Prova de sua vitalidade e sabedoria é o fato de que, tendo gerado um filho tão ativo como o nosso moderno baralho, a forma antiga não se aposentou. Na Europa Central, o Tarô permanece em uso constante.

Na América, mais recentemente, tem vindo à tona e levado em consideração, como as figuras que surgem em nossos sonhos, aparentemente desconexas.

Os aparecimentos em sonhos e em representações pictóricas mostram que aspectos negligenciados de nós mesmos merecem mais atenção e reconhecimento. Como as personagens de nossos sonhos, as figuras do Tarô vêm, para nossa auto-satisfação, nos trazer mensagens importantes. Mas o homem moderno, imerso em sua cultura verbal, encontra dificuldade em traduzir as mensagens não verbais, a linguagem pictórica. Uma viagem pelo Tarô, nos leva às profundezas do “eu”. Qualquer que seja o fim dessa jornada, encontraremos aspectos, ao mesmo tempo, profundos e elevados de nossa personalidade e de nossa trajetória de vida. As cartas do Tarô nasceram num tempo em que se dava mais espaço ao inconsciente, ao chamado irracional, que pode ser a nossa parte mais forte e mais própria a decifrar as questões que nos afligem.

No baralho moderno sobreviveram poucas das figuras mais importantes do baralho antigo, todas anteriormente chamadas *trunfos*, que, em italiano pode-se traduzir por triunfo, hoje, *figuras*, ou conservar o sentido que damos a trunfo, como vantagem em qualquer situação. Os Trunfos colocados em série, formam uma história sem legendas, que representaria as experiências encontradas por cada um de nós no caminho da auto-compreensão.

As teorias a respeito das figuras do Tarô são diversas e de difícil compreensão, a pesar de todas apontarem para a Europa Central. Há quem afirme, e com bastante coerência, representarem tão somente ilustrações a uma série de sonetos oferecidos pelo escritor medieval italiano a sua amada Laura. Pode-se dar também o contrário: terem as figuras servido de inspiração a Petrarca, em seus poemas. Nesses poemas, cada figura derrota a anterior, num combate não físico, mas verbal e intelectual, torneios muito em voga na época.

QUESTÕES LINGUÍSTICAS E GRAMATICAIS

Como todo material simbólico deriva de um nível de experiência humana, podemos relacionar o Tarô a outros sistemas, o que tem sido feito, relacionando-o à escrita hebraica ou à egípcia, símbolos químicos etc. Mas, exatamente a camada denominada o *inconsciente coletivo* não é *consciente*. Os Trunfos não ilustram conceitos verbalizados ou verbalizáveis e sim sugerem sentimentos e expressões totalmente fora do alcance das palavras. Aqui contamos com Jung para estabelecer a diferença entre *símbolo* e *sinal*. O sinal, disse ele, representa algo que pode ser representado oralmente ou por escrito: o cartaz, à beira da estrada, com talheres cruzados, pode ser substituído pela palavra restaurante. Já o símbolo foi criado para expressar algo que não pode ser expresso de nenhuma outra forma: a cruz, por exemplo. Assim devem ser tomadas as figuras do Tarô. Vêm de um nível que a consciência não alcança, distante da compreensão intelectual, pouco limitadas a associações puramente pessoais. O seu significado pode ser melhor conectado a mitos, contos de fadas, a pinturas, ou qualquer material que evoque ações e sentimentos coletivos. Seu significado está em toda parte e é eterno. À noite, surgem em nossos sonhos, com as mais diversas figurações. De dia nos impulsionam, nos instigam à ação.

Como já dissemos, os Trunfos representam, simbolicamente, os impulsos que agem de modo independente, nas profundezas da, digamos, alma, e que Jung denominou arquétipos. Os arquétipos agem na alma, como os instintos agem no corpo. Não podemos ver as figuras dos arquétipos, as figuras arquetípicas, como não podemos ver os instintos, mas sempre estamos a senti-los, estando os artistas sempre a tentar traduzi-los em formas sensíveis, pinturas, música etc. Em todas as culturas tem-se falado e cantado sobre o Diabo, o Velho Sábio, o Louco etc.

Os Trunfos estão numerados de um a vinte e um, em três fileiras de sete. Há um deles sem numeração: é o Louco.

Ao que não tem numeração, pode-se atribuir ZERO e o zero pode ocupar qualquer posição. Normalmente está colocado acima das fileiras, olhando do alto para elas. Como não tem lugar fixo, o Louco pode espiar os demais e pode aparecer subitamente em nossa vida pessoal, do que resulta fazermos, por vezes, papel de loucos.



E apresentado como uma figura masculina, com sua trouxa às costas e um cajado que o ajuda na caminhada. Para onde? E um aventureiro, um fugitivo, uma pessoa que procura? E uma figura muito abordada atualmente nas artes em geral. (Lembremos — “estava à toa na vida” —; — “caminhando contra o vento, sem lenço, sem documento”; os filmes: , e muitos outros.

Mas, nosso peregrino atual, na era mecanizada, prefere, por vezes, viajar sentado, o que lhe pode render uma cômoda simpática carona, ou um ato de violência, também abordada nos filmes e livros. Por que a violência? Esse moço desperta ira, pois parece irresponsável, folgazão, faz o que um cantinho de nós gostaria de fazer. Não pode ficar impune. Coisas estranhas podem vir à mente de quem se depara ao vivo com um arquétipo. Antigos sonhos não se realizaram, antigas perguntas não têm resposta. As reações serão tão várias quanto são várias as experiências de vida de quem o encontra. Quem chega a um acordo com o renegado, na sua realidade interior, não se sentirá tão hostil e na defensiva, quando o deparar na sua realidade exterior, O mais importante é que terá sentido o poder de um arquétipo e admitir que “quem não tem meta fixa, não perde o caminho”.

O arquétipo, ou Trunfo, com o qual estamos lidando, é, portanto, um andarilho, onipresente e imortal. Como não tem número, está livre para andar à vontade, mesmo perturbando a ordem, quebrando a regra do jogo. Como vimos, atravessou os séculos e sobrevive nas modernas cartas de jogar como o Coringa. As vezes, pedimos ao Coringa que substitua uma carta que não possuímos, tarefa que se adapta muito bem a sua capacidade de locomoção e a sua capacidade de arremedar, como o Bobo da Corte que é. Agir como espião era uma função importante do Bobo da Corte. Personagem privilegiado, podia se meter em qualquer ambiente, mexericando e ava-

QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

liando a situação. Considerados amigos de Deus, essas criaturas, “os pobres de espírito”, eram, em geral bem tratados por toda a sociedade, embora as peças que pregasse. Ninguém, na verdade, se zanga com um Pedro Malasartes. Há, ainda hoje, um ditado italiano que diz “ser como o Bobo no Tarô”, isto é ser bem recebido em toda a parte, já que as pessoas só o levam a sério, quando lhes interessam, sendo, no entanto, reconhecida a sua sabedoria de Louco. As figuras do Bobo, ou do Louco, o Andarilho, aparecem frequentemente acompanhadas de um cachorro. Instala-se uma relação hierárquica: o cachorro pertence ao Louco, mas como esse pertence ao Rei, o cachorro é um complemento, sobre o qual o Louco não decide.

A questão de saber se o Louco é o primeiro ou o último no Tarô não importa, ele ocupa os dois lugares ao mesmo tempo. A sua função mais importante parece ser a de ligar os nossos jogos modernos ao mundo intuitivo de nossos antepassados, em perpétuo movimento, transpassando-os ao mesmo tempo, ligando o fim ao princípio - interminavelmente.

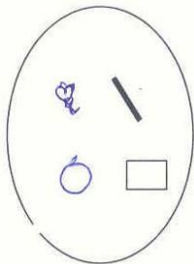
Como o Louco encerra os polos opostos de energia, é impossível segurá-lo. E matreiro e ingênuo, não sabe que pergunta se deve fazer à vida, nem sabe que há perguntas, mas tem um cãozinho que o protege do perigo.

Já vimos que o Louco não tem número, portanto lhe atribuímos ZERO. Como as estrelas, os números brilham com intensidade que transcende outros signos. Talvez esse fato explique não haver analfabetos numéricos. As palavras expressam as ideias dos homens; os números expressam as realidades de Deus.

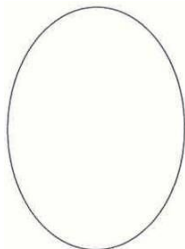
O conceito de Zero era desconhecido do mundo antigo, só apareceu na Europa a partir do século XII. A nossa palavra Zero provém do árabe *sifr*, significando *vazio*, tradução do sânscrito *sunya*. Chegou ao Português, através do francês *zéro*, pelo italiano *zero*, abreviação de *zephirum*, latinização do árabe no século XII (Antenor Nascentes. *Diccionario Etimológico*, s.v. e Caldas-Aulete, *Diccionario da Língua Portuguesa*, s.v.). O vocábulo cifra está, ainda, ligada ao *Sefiró* dos Hebreus, os dez pontos da árvore da Cabala, onde se manifesta o poder de Deus. A palavra *zéfiro* também existe no português, com o significado de vento brando, brisa, o que é bastante interessante.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Uma das dificuldades do professor das séries iniciais é apresentar às crianças a noção do símbolo Zero. Sugere-se, em livro didático, que se conte uma história:



Um menino bonzinho ganhou vários presentes: um lápis, uma borracha, uma maçã, uma flor:



Para que os presentes não se espalhassem, o menino envolveu-os numa cercadura, como se vê acima. Porém, como o menino era muito bonzinho, distribuiu os presentes entre amiguinhos mais necessitados e ficou somente com a cercadura.

O descobrimento desse *nada* ampliou de maneira importante a capacidade de pensar do homem. Possibilitou o sistema decimal, concretizou a aparente contradição de que o nada é alguma coisa, ocupa espaço e tem poder. E bem apropriado atribuir-se o Zero ao Louco.

Quando uma pessoa não tem, aparentemente, serventia, diz-se ser um Zero. Mas o Zero tem o poder de transformar o Um em milhões. Os primeiros Zeros grafados eram em forma circular, não elíptica, como mais modernamente. E o poder do Zero vêm de sua forma circular. Para prová-lo, ponha em contraste um círculo e um quadra-

QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

do. Imaginemo-nos desenhando um círculo; Em primeiro lugar, é preciso determinar o centro, onde será apoiada uma perna do compasso. O centro vem primeiro e é de fato, central para o conceito de círculo. Isso não se dá com nenhuma outra figura geométrica. Um círculo, com um ponto ao centro, representa o Sol fonte de calor, luz e força. Representa também o ovo do mundo, o princípio de tudo, de onde proveio e continua a provir toda a criação. Lembremos o louco, sempre móvel no seu centro imóvel, que não ocupa nada e contém tudo.

Tente desenhar um círculo no ar. O movimento é natural e fácil. Podemos sentir como o círculo veio a representar a inteireza, a perpetuidade. Não acontece com os quadriláteros, que vão exigir movimentos separados e, para traçá-los no papel, teremos que usar medições precisas. Em parte alguma da natureza se encontram quadrados perfeitos: são criações do homem. Já o padrão circular está intimamente ligado ao homem, pelo seu movimento respiratório. sua corrente sanguínea, Falamos também em Roda do Tempo, quando tratamos da infância, maturidade e velhice.

Carlos Drummond de Andrade, em seu poema afirma: 'Stop. A vida parou.' Stop é sinal universal de parada e a Cota Zero é a parada para caminharmos em direção ao positivo ou em direção ao negativo.

Lembrem-nos de que, para os antigos, o mundo era um disco, recoberto com sete camadas de semi-esferas. (os céus) às quais ascenderiam as pessoas, após sua morte, conforme seus méritos. Os melhores iriam ao sétimo céu, desfrutar da companhia dos seus iguais. Ainda hoje, meio a brincar meio a sério, falamos no arco-íris, como se fosse um semi-círculo envolvendo a Terra, após uma tempestade, com alguns sortilégios em suas extremidades.

Por outro lado, imaginemo-nos num aposento circular ou semi-esférico, cuja parede externa fosse em vidro, sem janelas, com visão de 360°. O mal estar seria grande. Preferimos um mundo compartimentado em caixas quadradas, com a visão para o exterior de nossa escolha. O contrário é a casa do Louco. Segurar o Louco, mesmo dentro do seu próprio círculo, é impossível, assim como é impossível a quadratura do círculo. Seria o milagre, o enquadramento do misterioso, a síntese.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Na pintura de William Blake, Deus criando o Universo (coleção particular) a Divindade barbuda, muito visível, está em um círculo, de onde, estende o braço comprido para, com um compasso, começar a criar este nosso mundo, à imagem e semelhança de um mundo anterior, perfeito, habitado por Deus.



Essa pintura nos tranquiliza, pois assegura que o nosso mundo tem um núcleo central de perfeição nas suas origens; basta encontrarmos o caminho. De acordo com S. Boaventura, 'Deus é urna esfera inteligível, cujo centro está em toda parte e cuja circunferência está em parte nenhuma'.

Uma forma de reproduzir, nesse mundo, o Grande Círculo Celeste está nos primeiros grandes templos e igrejas, que foram construídos em forma círculo. São assim os *dolmens* nas Ilhas Britânicas e, mais modernamente, Santa Sofia, em Istambul, São Pedro, em Roma e S. Marcos, em Veneza. Além da forma circular, havia também preocupação com a incidência dos raios solares, em certa hora, em certa posição. As palavras *church* (inglês) *kirk* (escocês), traduções de igreja, têm a mesma origem da palavra círculo e, assim, também, o grego *kirkos* (falcão) foi o nome dado ao sacerdócio.



QUESTÕES LINGUÍSTICAS E GRAMATICAIS

Acreditava-se que os círculos afastam os maus espíritos. Daí o formato de antigos relógios, a disposição dos signos do zodíaco e a famosa Távola Redonda, onde não havia hierarquia, todos tinham a mesma situação. A Távola Redonda é, frequentemente, reproduzida com o Santo Graal, o Santo Cálice, ao centro, ou concêntrico. A ideia do círculo como princípio e fim de todas as coisas está bem representada no *Uroboros*, serpente mitológica, presente em várias culturas, que se alimenta comendo, interminavelmente, a própria cauda.

Discos que têm despertado grande interesse são os discos voadores, circulozinhos apontando para nosso mundo, desafiando nossa compreensão. Esses misteriosos objetos nunca aparecem em outra forma que não seja a circular. Se as pessoas os veem, ou acreditam vê-los, não faz diferença em nossas considerações. As pessoas dizem – não há nada – mas o Nada é exatamente, como já vimos, o círculo.

Já vimos que o Louco, por não ter numeração, assume o lugar Zero, que lhe dá o direito de ocupar qualquer posição. Tem a ver com qualquer um dos outros Trunfos, principalmente com o último, o Mundo, o Tudo.

O Mundo é representado por uma figura humana, com cabelos, feições e seios femininos, porem pernas grossas, e quadril reto, que lhe dão aparência andrógina, obviamente, pois representa o Tudo. A guirlanda que a circunda é elítica, mais semelhante nosso atual Zero. É formada de plantas viçosas; ao mesmo tempo que serve de proteção, não lhe tolhe os movimentos de dança, a dança do Louco. Esse fato é comprovado pela expressão serena, guardado o mistério do sexo.



Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Nos cantos da figura, fora da guirlanda, está representado cada um dos elementos em que os antigos dividiam o Universo e que se relacionam a cada um dos Evangelistas:-

- O Anjo — o Ar — São Mateus
- A Águia — a Água — São João
- O Touro — a Terra — São Lucas
- O Leão — o Fogo — São Marcos



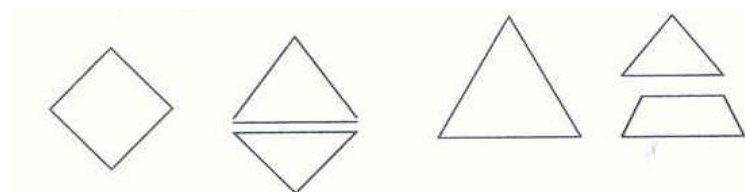
Nos cantos superiores estão os símbolos aéreos, nos inferiores, os terrestres. Juntos, velam pela quadratura do círculo, pela ligação entre Céu e Terra, os dois focos da elipse.

Numa outra representação do mesmo arquétipo, não se mostra exatamente o Mundo, e sim, a Anima Mundi — a Alma do Mundo: é uma figura feminina, fixada a uma elipse luminosa, como uma pedra numa jóia. Não há outros elementos, apenas a mulher e a luz que parece emanar dela, em ondas, formando também uma elipse, um grande Zero. A sua expressão é, também, de tranquilidade: a figura não parece se sentir tolhida nem responsável pela cercadura, raios que partem em todas as direções, como explosão de energia.

Essa representação, também, é muitíssimo encontrada ao redor da cabeça, ou mesmo do corpo todo, nos santos da Igreja Católica.

Já traçamos o círculo no ar, o que não nos exigiu mais que uma leve torção de pulso. Tente fazê-lo, agora, muito maior e muito mais lentamente. Enquanto não o completamos, não o interrompemos: o Zero é indestrutível. Para melhor comprová-lo, observemos as figuras geométricas

QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS



O losango, cortado em dois, produzirá dois triângulos. O triângulo, da mesma forma, produzirá um trapézio e um triângulo. O círculo cortado exatamente em metades, só produzirá dois semi-círculos, nenhuma outra figura nomeada e estudada à parte.

Podemos dizer que o círculo não se destrói, não se transforma em outra figura. É o toque do Louco. Uma vez tocado pelo Louco, a cura é impossível e quem, na verdade, deseja ser de todo curado?

REFERÊNCIAS

GARCIA. Othon Moacyr. . Rio de Janeiro: FGV, 1975.

JUNG, Carl G. . Petrópolis: Vozes, 1988.

——— Rio: Nova Fronteira. 1975.

MALBA TAHAN. Rio: Record. 1984.

NICHOLS, Sallie. São Paulo: Cultrix, 1980.